

**PÁGINAS ANTIGAS:  
UMA INTRODUÇÃO À LEITURA  
DOS JORNAIS PARAENSES, 1822-1922**

Aldrin Moura de FIGUEIREDO  
Universidade Federal do Pará

*“O jornal que noticia desastres  
Na branca varanda  
Onde o relógio domina...”*

*Max Martins, “A varanda”. O estranho, 1952.*

**Resumo:** *Este artigo discute a importância do uso da imprensa periódica, no caso os jornais paraenses do século XIX e das duas primeiras décadas do XX, como fontes para o estudo da história social em suas diversas matizes, demonstrando como tais fontes podem ser trabalhadas pelos pesquisadores e como alguns desses já o vem fazendo em seus diversos trabalhos de pesquisa. Enfim, se demonstra a importância dos jornais como fontes para a investigação histórica, dada a sua riqueza documental.*

Em tempo de *internet* e globalização, parece esquisitice de antiquário falar no velho hábito de ler jornais, principalmente quando o tema versa sobre aquela velha gazeta diária que o ávido leitor recebia todas às manhãs do jornaleiro. Se isto parece coisa do arco da velha, causará maior estranheza saber que nem sempre as notícias chegaram por esse mesmo percurso às casas dos interessados. A leitura calma, numa varanda iluminada pelo sol da manhã, onde se entrecruzam tempos distintos, ditados por diferentes relógios é, principalmente nos dias de hoje, apenas uma bela metáfora no *insight* do poeta. A imprensa possui uma longa história, longuíssima mesmo. No enalço dessa trajetória residiram, evidentemente, as antigas necessidades de informação e, ao mesmo tempo, de divulgação dos debates e das polêmicas que as notícias suscitavam. Para traçar uma história da imprensa no Pará, poderia aqui ficar repetindo algumas notas sobre a movimentada história que deu origem ao aparecimento de *O Paraense*, nosso primeiro jornal, totalmente composto e impresso em tipografia própria, aqui em Belém,

por obra e graça de seu editor Felipe Patroni, em 1822 — trajetória amplamente estudada nas últimas décadas<sup>1</sup>. Poderia ainda lembrar os esforços pioneiros que, no princípio do século XX, puseram-se a investigar e catalogar os jornais, as revistas e outras publicações periódicas que existiram no Pará desde o tempo de Patroni, com a clara perspectiva de elaborar bons roteiros informativos, recheados de extensas listagens, fundamentais para qualquer pesquisa histórica que viesse a se apoiar em tais fontes<sup>2</sup>. Preferi, no entanto, por discutir aqui a existência e proliferação de uma incrível multiplicidade de jornais no Pará, especialmente na virada do século XIX, durante o auge da comercialização da borracha no mercado internacional. A partir disto, serão enfatizadas algumas das maneiras como os historiadores vêm utilizando-se dessas várias informações, veiculadas em antigas gazetas e folhetos, para a constituição de uma história da Amazônia, sob diferentes perspectivas.

Antes de qualquer coisa, é importantíssimo se ter em conta que cada publicação tem sua história com significados e sentidos próprios, gestados na redação da velha tipografia e no diálogo de seus editores com a sociedade da qual fazia parte. Mas esse diálogo foi, via de regra, muito tenso. No correr do século XIX, vários governos, políticos e grupos sociais tentaram conter o desenvolvimento da imprensa local, justamente porque a informação e a polêmica dificultavam o exercício do poder. Foi assim que a história da imprensa na Amazônia esteve muito relacionada, desde seus inícios, com os conflitos entre os proprietários de folhas e a engenhosidade dos legisladores, que não cansavam de criar regulamentos e dispositivos destinados a limitar a liberdade da imprensa e entravar a difusão dos noticiários. Felizmente, no entanto, a eficácia do controle e da repressão nem sempre conseguiu sucesso. Ao lado disto, a existência de diferentes partidos e tendências políticas serviram de estímulo ao embate de idéias, posicionamentos e projetos sociais muito diversos.

<sup>1</sup> Embora *O Paraense* (1822) tenha sido o primeiro jornal impresso no Pará, um ano antes circulou em Belém a *Gazeta do Pará*, impressa em Lisboa, sob o comando de Filipe Patroni e cujo primeiro número saiu em 6 de janeiro de 1821. Cf. COELHO, Geraldo Mártires. *Anarquistas, demagogos & dissidentes: a imprensa liberal no Pará de 1822*. Belém: Cejup, 1993.

<sup>2</sup> BARATA, Manoel. Estado do Pará: jornais, revistas e outras publicações periódicas de 1822 a 1908. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro 1(2): 91-159, 1908; BELLIDO, Remígio de, *Catálogo dos Jornais Paraenses, 1822-1908*. Belém: Imprensa Oficial, 1908, ambas publicadas no contexto das comemorações do centenário da imprensa no Brasil. Sobre o Amazonas, ver SOUZA, J. B. de Farias; SOUZA, A. Monteiro & BAHIA, Alcides. *A Imprensa no Amazonas, 1851-1908*. Manaus: Typographia da Imprensa Oficial, 1908.



Um momento exemplar disto ocorreu durante a *Cabanagem*, na década de 1830, época em que as tensões sociais estiveram muito acirradas em toda a província e as gazetas foram porta-vozes desses mesmos conflitos e de muitos outros. Havia o jornal *Correio Official Paraense*, de propriedade do presidente de província Bernardo Lobo de Sousa e redigido pelo Cônego Gaspar de Siqueira Queirós. Do outro lado, o jornal *Sentinella Maranhense na Guarita do Pará*, sob a responsabilidade de Camilo José Moreira Jacarecanga e redigido pelo célebre panfletário maranhense Vicente Ferreira Lavour Papagaio. As severas críticas dirigidas por este jornal ao presidente Lobo de Souza, ocasionaram sua suspensão já na edição do seu segundo número, mas consta que foi decisiva a sua contribuição para a agitação política que deu contornos ao movimento cabano. Para se ter uma idéia do impacto deste jornal, basta lembrar o dístico que o matutino trazia no alto de sua folha de rosto, ao lado da divisa: “Campeão dedicado das liberdades pátrias, paladino sincero dos direitos do povo”, os versos seguintes:

*Sem rei existe um povo  
Sem povo não há nação  
Os brasileiros só querem  
Federal Constituição<sup>3</sup>*

Lembre-se que nesta época, por volta das décadas de 1820 e 1830, os jornais possuíam uma feição muito diversa da que têm hoje. Magda Ricci, que tem-se especializado no tema, afirma que tais panfletos eram, antes de tudo, folhas volantes, de não mais de quatro ou cinco páginas do tamanho de um pequeno caderno, mandadas imprimir na forma de libelos políticos desta ou daquela facção, de modo análogo ao que ocorria noutras partes do país<sup>4</sup>. Não havia espaço nem interesse para as informações sobre comércio, indústria e para as amenidades que se tornaram comuns nos jornais da segunda metade do século XIX. O que existia, em suma, era uma outra idéia de jornal com uma lógica muito própria, baseada principalmente nos debates da política. Mas, apesar dessa disposição de

<sup>3</sup> *Sentinella Maranhense na Guarita do Pará*. Belém, 1 de outubro de 1834, p. 1.

<sup>4</sup> RICCI, Magda. História anotada: memórias da Cabanagem. *Cadernos do CBCH*, v. 12, n.1-2. Belém, 1993, p.13-28; *Idem*. Do sentido aos significados da Cabanagem: percursos historiográficos. *Anais do Arquivo Público do Pará*. Belém 3(2): 241-271, 2001; *Idem*. Do patriotismo à revolução: história da Cabanagem na Amazônia. In: FONTES, Edilza. (Org.). *Contando a história do Pará: da conquista à sociedade da borracha (séculos XVI-XIX)*. Belém: E. Motion, 2002, v. 2, p. 225-266.



luta, o jornal era, nas primeiras décadas do século passado, um produto raro e caro, limitado à reduzida elite local e à diminuta parcela de letrados, o que não impedia que as notícias, veiculadas de boca em boca, chegassem a lugares e ouvidos aparentemente inatingíveis.

A imprensa modificou-se talvez no mesmo compasso que as elites políticas durante o processo de reorganização da província no pós-Cabanagem, um período histórico extremamente negligenciado pelos historiadores do passado e que atualmente tem encontrado alento em novas pesquisas, como a que vinha sendo desenvolvida por Claudia Fuller acerca das Companhias de Trabalhadores, nos meados do século XIX<sup>5</sup>. Dito isto, é importante salientar também que o desenvolvimento e a ampliação do mercado da imprensa modificaram inteiramente o processo de circulação dos jornais no Pará, especialmente a partir da década de 1870. Os redatores e tipógrafos viram o consumo das gazetas se estenderem a novas camadas sociais no âmbito dos pequenos comerciantes e, logo em seguida, a uma apreciável parcela do povo das cidades — fosse na capital Belém ou em cidades do interior, especialmente Vigia, Cametá, Bragança e Santarém.

O leitor de hoje poderá levar um susto, pois nessa época chegaram a circular mais 300 jornais na capital e interior, entre diários, semanários e pequenos panfletos de reduzidíssima tiragem. Segundo Remijio de Bellido, entre 1822 e 1908, portanto em menos de um século, circularam no Pará, cerca de 730 jornais, dos quais 722 foram impressos em português, 4 em espanhol, 3 em italiano e apenas 1 em francês<sup>6</sup>. Embora atualmente o historiador tenha acesso a uma pequena parcela dessas publicações, é possível concluir sem maiores dificuldades sobre a importância que a sociedade do passado deu à informação e aos debates veiculados na imprensa. Vale notar também que havia uma ampla relação de contato e diálogo entre o interior da província e a capital que, na maioria das vezes, era estabelecida pelas relações políticas e partidárias, espelhadas nas extensas ligações familiares. Era comum, em algumas colunas das gazetas, a transcrição de cartas enviadas por leitores e colaboradores de paragens aparentemente recônditas. Muitas vezes, o sujeito assinava e endereçava de sua residência no igarapé ou sítio tal. A imprensa foi, neste sentido, muito responsável para diminuir as excessivas distâncias, tão evidentes e comuns na região amazônica.

<sup>5</sup> FULLER, Cláudia Maria. *Os corpos de trabalhadores: política de controle social no Grão-Pará*. Belém: Laboratório de História-UFPA, 1999 (Fascículos LH, 1).

<sup>6</sup> BELLIDO, Remijio de. *Catálogo dos jornais Paraenses, 1822-1908*. Belém: Imprensa Oficial, 1908.



Nessa história da imprensa no Pará, há também que se levar em conta os avanços na técnica de impressão dos jornais durante os meados do século XIX. Parece, no entanto, que esse considerável progresso pouco importou, de fato, no aumento da circulação dos jornais, pois é um fato que as máquinas estiveram, quase sempre, à frente das reais necessidades de produção dos periódicos. O mais importante auxílio prestado nessa área pela indústria jornalística, diz respeito à maior possibilidade que os editores tiveram de possuir sua própria tipografia, com preços mais baixos. Não foi à toa que, depois da década de 1870, proliferaram jornais de diferentes tendências políticas, órgãos de sociedades assistencialistas, clubes e sociedades secretas. Vale lembrar, por exemplo, do jornal *A Inquisição*, lançado em 1870, para combater o clero católico e defender ideias maçônicas, sob a pena de um dos mais importantes polemistas da época – o Sr. Tito Franco de Almeida. Quase homônimo, foi lançado no ano seguinte *O Santo Officio*, que se anunciava como imparcial, crítico, recreativo e também contrário às idéias do clero católico.

As respostas da Igreja vinham em alto e bom som. *A Boa Nova*, lançada em 1871, redigida pelos cônegos José Lourenço da Costa Aguiar, Luiz Barros, e José Andrade Pinheiro foi um dos mais influentes e combativos jornais da época, recheado pelo discurso conservador da Cúria local, presidida à época por uma grande liderança do clero brasileiro, o bispo D. Macedo Costa. Mas a hierarquia católica não estava unida sob as mesmas premissas, e os jornais antigos estão aí para comprovar. Em 1872, foi lançado *O Pelicano* que circulou até 1874 e acabou tornando-se o órgão oficial da maçonaria no Pará, apesar de redigido em grande parte por dois representantes do clero — padre Eutíquio Pereira da Rocha e cônego Ismael de Sena Nery. Esses jornais, endossando largas disputas, estiveram, juntamente com muitos outros, no epicentro das contendas políticas que deram força à chamada questão religiosa do fim do Império.

Essas histórias, aparentemente perdidas num passado distante, voltaram com força total, transformando-se em elementos fundamentais no embate entre grupos políticos rivais. Além da simbologia da Inquisição, um outro termo muito utilizado, agora como metáfora, foi o de “jesuíta”, retirado da memória sobre a atuação dos antigos padres da Companhia de Jesus que haviam sido expulsos do Brasil ainda nos meados do século XVIII e que, mais de um século depois, transformou-se numa categoria de embate ferozmente manipulada nas contendas entre liberais e católicos, principalmente nas décadas de 1870 e 1880. No jornal *O Liberal do Pará*, como bem mostrou Raymundo Heraldo Maués num recente trabalho, o



vocábulo jesuíta aparecia como sinônimo de conservador, e uma figura como a de D. Macedo Costa, que nada tinha a ver com aqueles padres, era acusado de retomar as atitudes dos antigos inacianos, em pleno século XIX<sup>7</sup>. Rafael Chambouleyron, que há algum tempo vem se dedicando ao estudo da Companhia de Jesus no Pará do século XVII, insiste, com muita propriedade, que a imagem que se tem dos jesuítas dos tempos coloniais deve-se muito ao que foi forjado pelos periódicos do século XIX<sup>8</sup>. Para se ter uma idéia disto, o próprio termo “jesuíta” era coisa raríssima nos manuscritos e outros documentos sciscentistas. Religião e imprensa parecem ter constituído, desse modo, um capítulo à parte no jornalismo do Pará.

Mas nem só de sérias e sisudas disputas políticas e religiosas viveu a imprensa paraense. Na virada do século passado, multiplicaram-se os jornais humorísticos e literários que aparentemente ou mais abertamente defendiam apenas o prazer do riso e do divertimento. Em 1901, o jornal *O Bohemio*, redigido por uma turma de amigos, depois conhecidos literatos, anunciava no primeiro número que era “condição primordial desse periódico, expressa na resolução de seu programa puramente crítico e literário, a não inserção de trabalho algum, — mesmo quando recomendasse a mais fina contextura — em que transparecessem idéias políticas”<sup>9</sup>. O interessante é que entre os redatores estavam nomes de futuros intelectuais com forte ação na política local nas futuras décadas de 1910 e 1920 — Alfredo Ladislau, Solerno Moreira, Joaquim Barbosa, Carlos de Souza, Martinho Pinto, Heráclito Ferreira e Albano Condurú. Outros jornais, por seu turno, levavam o sentido da crítica e do humor rasgado às raias da loucura, não se dispensando das anedotas de forte cunho racista tão comuns à época, bradadas especialmente contra negros e portugueses. Em algumas situações eram traçados perfis dos chamados tipos populares ou de rua, que ganhavam vida no cotidiano da cidade. Em outros momentos, a sátira vinha sob a forma explícita de uma piada galhofeira. Transcrevem-se aqui algumas dessas pérolas abomináveis, publicadas na edição de *O Badalo*, de 27 de outubro de 1901, em primeira página...

<sup>7</sup> MAUÉS, Raymundo Herald. A categoria ‘jesuíta’ no embate entre liberais e católicos no Pará do século XIX. *Páginas de História*. Belém 1(1): 1-13, 1997.

<sup>8</sup> CHAMBOULEYRON, Rafael. Las ‘edades’ de los jesuitas: la Compañía de Jesus y la historiografía amazónica. *Actas del Congreso Internacional “Jesuitas: 400 años en Córdoba”*. Córdoba (Argentina): JPHIC/UNC/UCC, 1999, vol. III, pp. 95-113 e FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Teias da memória: a Companhia de Jesus e a historiografia da Amazônia no século XIX. *Vária História*. Belo Horizonte (23): 77-96, 2001.

<sup>9</sup> *O Bohemio*. Belém, 1 de setembro de 1901, p.1.

*Tipos:*

*Preto como o fundo externo de panela de gente pobre.*

*Pernóstico e metido a sebo como ele só.*

*Não relaxa o rodaque e a cartola que arvora diariamente.*

*Voz esganiçada de tenor marca barbaute com a qual berra, ao violão, todas as noites, o Quisera amarte... num antro à travessa Primeiro de Março, canto da rua General Gurjão.*

*Mora no Umarizal e dizem que é dado a conquistas baratas — conquistas de negro — nas quais sua garganta entra como elemento de primeira ordem.*

*Deve ter mais de 45 janeiros.*

*É inofensivo, mesureiro e doido por mulatinhas novas.*

*Não é o dr. Maniva.*

*Zé Picanço, photo amador<sup>10</sup>.*

Mais adiante, uma piada de português intitulada “Num bagageiro do Umarizal”....

*Dois lusitanos casca-grossa discreteavam sobre o seguinte trecho de um artigo científico: ‘É incontestável, segundo as mais rigorosas investigações bacteriológicas, que um dos grandes veículos da tuberculose é carne do gado bovino’.*

*— Antão, sôr Manel bossê nã stá a bere? O diavo da tuverculose até nas carnes do voi se bem a m’ter p’lo corpo d’uma p’ssôa a dantro!...*

*— Olhe, sôr Zé, eu cá por mim não tanho r’ceio de me p’gar a preste.*

*— Antão porque, sôr Manel?*

*— Ora purq’a de sêre? Des qui me casei c’a Joana só como baca...<sup>11</sup>*

É neste mesmo teor o jornal bufo continuava a publicar seus números. Mas não se pense que esta era a tônica dominante na imprensa de então. Jornais como *O Badalo* eram considerados como imprensa

<sup>10</sup> *O Badalo*, de 27 de outubro de 1901, p. 1.

<sup>11</sup> *Idem*, *ibidem*.



de segunda, lida como uma espécie de literatura pornográfica da época. Irmanados no mesmo propósito existiram muitos outros panfletos do tipo. Alguns alcançaram grande sucesso, porém efêmero, como foi o caso de *O Bilontra*, publicado em Belém no ano da proclamação da República. Antes havia existido *O Zé Pereira*, jornal carnavalesco e fortemente satírico que começou a circular pela tipografia Gafanhoto, a partir de 19 de fevereiro de 1882.

Sem a concorrência de outros meios de comunicação do século XX, como o rádio e a televisão, os jornais difundiam uma vasta produção noticiosa e ficcional, esquadrihada em diversas sessões e colunas. Eram cartas, notas do governo, e principalmente os esperados folhetins diários ou semanais — as novelas da época. O escritor e jornalista João Marques de Carvalho foi um dos mais fecundos folhetinistas de então, publicando diversos dos seus romances, por meio das páginas da imprensa. Somente em 1884, este literato publicou dois de seus romances naturalistas no jornal *Diário de Belém*, hoje completamente esquecidos, — foram eles “Angela” e “A leviana”. Além dos folhetins, as gazetas traziam as críticas literárias feitas sobre essa produção. Por aqui, *O Liberal do Pará* manteve em sua redação dois nomes de peso e que, mais tarde, ganhariam fama no Rio de Janeiro, atuando nos principais jornais cariocas: José Veríssimo, um dos maiores críticos da história da literatura brasileira, e Domingos Olympio, o festejado autor de *Luiz Homem*<sup>12</sup>.

Um outro importante capítulo da história do jornalismo é o da publicação dos jornais que defendiam interesses de classe e de partidos. Os exemplos são inúmeros. Aqui não se pode deixar de citar a *Gazeta de Alenquer*, que circulou entre 1883 e 1907, atuando naquela cidade como órgão do partido republicano, fundado e redigido por Fulgêncio Simões. Esse jornal foi tão importante para a cidade que imprimiu na memória dos nativos da terra o termo “Ximango”, como aquele nascido em Alenquer, expressão que era citada, à época, como sinônimo de republicano histórico. Com sentido diverso, existiu, em Belém, *A Confederação Artística*, um jornal diário, apresentado como órgão da classe operária, que tinha como principal objetivo a defesa dos interesses das

<sup>12</sup> Vide, a respeito, TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetins no Brasil, 1830 à atualidade*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1994; MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, e BRYANT, David. *Short fiction and the press in France, 1829-1841: followed by a selection of short fiction from the periodical and daily press*. Lewiston, N. Y.: Edwin Mellen Press, 1995.



classes artísticas confederadas, ou *O Caixeiro*, publicado na conhecida tipografia e editora Pinto Barbosa, a partir de 1889, como um jornal literário e noticioso, representante das lutas da classe caixeiral. Em oposição às anedotas que se publicavam sobre os portugueses, *O Caixeiro* trazia uma divisa que enfatizava o aspecto trabalhador do homem lusitano — “O trabalhar é lei; - a terra é uma oficina. Tendo o homem por chefe a força que domina...”<sup>13</sup>.

Importantes e esperadas também foram as edições comemorativas. Em apenas um número, muitas vezes impresso com maior luxo e destaque, esses jornais divulgavam datas e eventos considerados marcantes para a história da nação ou de algum personagem notável da política local, nacional e até mesmo internacional. Em 25 de março 1888, por exemplo, veio à luz em Belém *A Jangada*, uma edição especial, com capa cuidadosamente ilustrada, dedicada à famosa emancipação dos escravos no Ceará. Não é sem razão que, em meio a um forte transtorno de cearenses pela Amazônia no auge da exploração da borracha, algumas dessas comemorações jornalísticas enchiam-se de pompa. Na mesma data saiu do prelo *A Voz do Jangadeiro*, anunciada como publicação em homenagem ao Ceará, que havia libertado seus escravos antes do resto do país. Outra data muito comemorada foi a da abolição da escravidão, em 13 de maio de 1888, em edições que ganharam destaque tanto na capital como no interior. Em Cametá, veio à baila *A Imprensa e a Liberdade*, panfleto impresso em 24 de maio daquele ano, enquanto em Belém alcançou sucesso, em 11 de junho de 1888, *A Liga da Imprensa Paraense*, jornal único inteiramente dedicado ao festival organizado pela Liga de Imprensa em homenagem ao fim da escravidão. O 1º de maio, no entanto, parece ter sido a data mais sobejamente comemorada. Em 1906, *O Socialista* trazia a proposta da “confraternização operária, para ajudar seus irmãos de classe”, com as sugestivas epígrafes: “Estamos no século operário”, de Gladstone e a conhecidíssima “Proletários de todos os países, uni-vos”, retirada do *Manifesto do Partido Comunista*, de Karl Marx<sup>14</sup>.

Do mesmo modo, homenagens do gênero também foram comumente estendidas, com significado bastante distinto, aos homens

<sup>13</sup> *O Caixeiro*. Belém, 15 de dezembro de 1889, p. 1.

<sup>14</sup> *O Socialista*. Belém, 1 de maio de 1906, p.1. Sobre a imprensa operária, ver também SALLES, Vicente. *Marxismo, socialismo e os militantes excluídos: capítulos da história do Pará*. Belém: Paka-Látu, 2001.



notáveis de então. Podia ser *Victor Hugo*, como no jornal homônimo, de conteúdo literário, feito em preito póstumo ao escritor, no trigésimo dia de seu falecimento, em 22 de junho de 1885. O mestre francês havia sofrido uma congestão pulmonar no dia 13 de maio, morrendo oito dias depois. A história ganhou o mundo e o governo em Paris decretou luto nacional, sepultando o corpo no *Panteon dos Homens Ilustres*. Mas, não foi apenas e simplesmente a morte de Victor Hugo a causa de sua recordação entre os literatos paraenses. O escritor francês faria aniversário em 26 de Fevereiro. Seu clássico *Os miseráveis* foi chamado já na época “um dos maiores livros de todos os tempos”. Só para se ter uma ínfima idéia de seu sucesso e apelo internacional, em 1862, nas 24 horas seguintes à publicação da primeira edição de Paris, as 7 mil cópias foram todas vendidas. Além disso, o sucesso editorial divulgado pela imprensa pode ser medido em parte já na época pela publicação simultânea em Bruxelas, Budapeste, Leipzig, Madri, Rotterdam, Varsóvia e também no Rio de Janeiro – cujos exemplares chegaram logo a Belém do Pará. Em 1892, a homenagem misturava personalidade e feito histórico: era vez de Cristóvão Colombo e as comemorações do quarto centenário de descobrimento da América, num exemplar único, ricamente ilustrado, editado sob comando dos estudantes do Liceu Paraense<sup>15</sup>.

Assim como no caso de *Vitor Hugo* ou *Christovão Colombo*, um outro jornal poderia ganhar projeção local entre essas verdadeiras folhas biográficas, como o *Paes de Carvalho*, edição impressa em cores, em 12 de novembro de 1894, sob a responsabilidade de Hygino Amanajás, comemorando o aniversário do “ilustre brasileiro” e afamado governador paraense. Assim como essas personalidades, muitos outros nomes foram agraciados por protestos de veneração que vinham impressos em cuidadosas folhas, entre os tais é difícil não enfatizar o nome de Antonio Lemos, sujeito de uma cuidadosa biografia escrita recentemente por Maria de Nazaré Sarges. Segundo a historiadora, algumas das memórias do velho intendente de Belém estão muito bem expressas nessas edições comemorativas levadas a termo por uma verdadeira legião de correligionários políticos<sup>16</sup>. Em 17 de dezembro de 1898, por exemplo, foi publicado *A Antonio Lemos* – uma espécie de

<sup>15</sup> *Christovão Colombo*. Belém, 12 de outubro de 1892.

<sup>16</sup> SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do velho intendente: Antônio Lemos, 1869-1973*. Belém: Paka-latu, 2004.



miscelânea em alusão à passagem de seu aniversário natalício. Naquele mesmo ano, o órgão do Clube União e Perseverança, editou *O 17 de Dezembro*, com o mesmo objetivo de render homenagem ao seu patrono. Em 1901, na mesma data, foi publicado pela tipografia do Instituto Lauro Sodré, o *Senador Lemos* trazendo verdadeira poliantéia biográfica em torno daquele cacique da política paraense.

Assim como foram veículos de homenagens, as gazetas também traziam novidades da indústria e do comércio – algumas chegaram a ter a distribuição gratuita, incentivada pelo patrocínio de lojas e estabelecimentos comerciais da cidade. Em março de 1915, a empresa de Correa Leite & Cia. lançou *Kodak*, em alusão a George Eastman (1854-1932), o inventor da câmera Kodak, que revolucionou e popularizou a arte fotográfica – tão importante naqueles tempos de guerra<sup>17</sup>. Em 1901, a Livraria Escolar, uma das mais importantes de Belém, publicava e distribuía gratuitamente o *Correio Infantil*, sob a direção do Dr. Virgílio Cardoso, conhecido diretor do ensino municipal. Esse jornal trouxe consigo uma novidade: instituiu no Pará os prêmios aos seus leitores e uma nova percepção interativa na imprensa da época<sup>18</sup>. Bem antes disso, em 1898, a Associação Comercial do Pará publicava o *Annunciador Commercial*, exclusivamente dedicado à propaganda e à divulgação de matéria jornalística a respeito das novidades na praça de Belém, sempre com distribuição gratuita<sup>19</sup>. O sucesso desse periódico fez com que muitas empresas e lojas lançassem sua própria gazetilha, como ocorreu no ano seguinte com a firma Couto & Cia., que publicou e distribuiu uma folha trissemanal intitulada *Commercio Paraense*<sup>20</sup>. Tamanha repercussão dos jornais do comércio influenciou enormemente na consolidação de uma idéia antiga da Associação dos Empregados no Comércio do Pará, que lançou, em agosto daquele mesmo ano, em circulação mensal, *O Empregado no Commercio*, misturando uma feição noticiosa e de defesa de classe<sup>21</sup>.

Se as gazetas representavam interesses de classe e segmentos políticos, também era comum existirem jornais que divulgavam os interesses das comunidades de estrangeiros que viviam no Pará. Estes poderiam ser publicações periódicas ou apenas comemorativas. Nesse

<sup>17</sup> *Kodak*. Belém, 5 de março de 1915, p. 1.

<sup>18</sup> *Correio Infantil*. Belém, 2 de abril de 1901, p. 2.

<sup>19</sup> *Annunciador Commercial*. Belém, 1 de novembro de 1898.

<sup>20</sup> *Commercio Paraense*. Belém, 6 de abril de 1899, p. 1.

<sup>21</sup> *O Empregado no Commercio*. 15 de agosto de 1899, p. 1.



campo, a colônia portuguesa teve um papel inigualável na veiculação e expressão de idéias voltadas para a solidificação de uma certa identidade nacional, em torno da origem lusitana. Entre os mais importantes estavam *A Colônia Portuguesa*, publicada a partir de 1885, e *O Lusitano*, aparecido como órgão dos interesses da colônia portuguesa, com o primeiro número em 18 de novembro de 1906. Nas primeiras décadas do século XX, os portugueses desenharam um capítulo à parte no jornalismo paraense, com várias gazetas destinadas à defesa dos interesses lusos no Pará. Em outubro de 1916, apareceu a *Gazeta Lusitana*, propagandecendo as novidades chegadas de Lisboa e do Porto na praça de Belém e, no ano seguinte, ganhou as ruas *Portugal*, tomando a feição de folha literária e noticiosa. Em 1920 apareceu o *Jornal Lusitano*, sob a direção de J. Godinho Ferreira, seu proprietário, e a redação de Antônio A. Carvalho, cuja pretensão era a de ser imparcial em política, mas defendendo os interesses portugueses no Pará. Mais tarde, esse jornal mudaria seu nome para *A Colônia*, assumindo o título que o tornaria conhecido na cidade de Belém.

Também os italianos começaram a publicar em 1898, em língua materna, *L'Eco del Pará*, jornal que dizia defender os "interesses do Pará na Itália e dos italianos no Pará"<sup>22</sup>. Os espanhóis, por seu turno, deram rosto a *El Noticiero Español*, publicado em castelhano, desde 1889, pelos sócios Gonzales y Tavares, trazendo a seguinte divisa: "— Todo por y para la Patria. La Unión constituye la fuerza"<sup>23</sup>. Ainda no contexto dos debates sobre a recém-nascida República do Brasil, a colônia espanhola residente em Belém publicou *La voz de España* trazendo à cena o cotidiano político do mundo ibérico<sup>24</sup>. No início do século, precisamente em 2 de maio de 1908, esta mesma colônia, através dos membros da União Espanhola de Socorros Mútuos, publicou *El Dos de Mayo*, em consideração e lembrança dos mártires da independência da terra natal. Antes disso, em 1900, os italianos fizeram *Il 20 Settembre*, uma edição alusiva à entrada das tropas em Roma e à unificação da Itália. Para esses grupos, o processo de reafirmação de suas identidades étnicas e nacionais foi, como é possível perceber, algo fundamental para organização política da colônia de patrícios nesta terra distante. Não se trata de pensar que a identidade nacional suplantasse as diferenças

<sup>22</sup> *L'Eco del Pará*. Belém, 29 de maio de 1898, p. 1.

<sup>23</sup> *El Noticiero Español*. Belém, 26 de março de 1899, p. 1.

<sup>24</sup> *La voz de España*. Belém, 9 de junho de 1891.



sociais e de classe entre os estrangeiros. Porém esse universo simbólico era comumente manipulado inclusive para estabelecer relações de dominação e exploração entre a elite da comunidade, composta quase sempre por prósperos comerciantes e a arraia-miúda que, quase sempre labutava, em bicos e ocupações efêmeras e profundamente voláteis — do trabalho ambulante à prostituição.

As grandes colônias ibéricas trouxeram consigo suas mais arraigadas tradições culturais. O gosto pela tourada, por exemplo, ganhou espaço privilegiado nos jornais paraenses, como em 1894, apareceu *A Tourada*, dedicado totalmente aos “assuntos tauromaquicos”<sup>25</sup>. Comunidades de imigrantes de outras partes do país também tiveram suas gazetas. Na década de 1910, apareceu *O Cearense*, semanário que se dizia “neutro em política” e representante dos cearenses na capital do Pará<sup>26</sup>. Na redação estiveram, desde o início, dois conceituados literatos que militavam na imprensa local — Terêncio Porto e Raymundo Proença. Este jornal não foi o primeiro divulgador dos interesses desse grupo. Ainda em 1898, havia existido um outro *O Cearense*, publicado por uma associação beneficente, como o órgão da colônia cearense. Entre os seus objetivos estava o de “manter a colônia informada sobre os acontecimentos do Ceará”<sup>27</sup>. Outras sociedades de imigrantes brasileiros também demonstraram seus laços de identidade, por meio da publicação de algum panfleto. Em 1 de fevereiro de 1905, a colônia alagoana residente em Belém produziu uma *Homenagem* ao Dr. Augusto Montenegro, governador do Estado, trazendo seu retrato em primeira página. Às vezes, no entanto, o homenageado era figura representativa no interior daquele próprio segmento social, como foi o caso do Dr. Fausto Cardoso, que teve sua memória lembrada pelos seus conterrâneos da colônia sergipana residente em Belém, no 30º dia do seu prematuro passamento, em 29 de setembro de 1906.

Os periódicos não eram representativos apenas de associações de compatriotas e conterrâneos. As ligações sociais para o estabelecimento de uma folha vespertina ocorriam de múltiplas maneiras, envolvendo interesses também muito variados. Os médicos e agentes de saúde, por exemplo, tinham seus órgãos de divulgação específicos, de cada segmento também específico. Os homeopatas, por exemplo, tinham

<sup>25</sup> *A Tourada*. Belém, 21 de julho de 1894, p. 1.

<sup>26</sup> *O Cearense*. Belém, 6 de março de 1914, p. 1.

<sup>27</sup> *O Cearense*. Belém, 20 de março de 1898, p. 1.



seu próprio noticiário. *Hahnemann* foi, obviamente, um jornal de propaganda do grupo, circulando em Belém entre 1880 e 1884, com publicação semanal, sustentada sob os auspícios do laboratório homeopático do Dr. Júlio Mário & Cia, numa época em que essa arte de curar era alvo de enormes críticas veiculadas em boa parte do restante da imprensa<sup>28</sup>. É que os médicos alopatas tinham imensas restrições contra as tendências que eram pensadas como não científicas. Esse critério de ciência era manipulado de diversos modos na imprensa da época, a ponto de os pajés de Belém publicarem seu periódico, utilizando-se das premissas médicas que eram, constantemente, utilizadas contra os curandeiros que se utilizavam da pajelança como arte e conhecimento de cura. Foi assim que, em 25 de junho de 1887, um grupo de pajés da capital lançou *Pajés Científicos*, com o objetivo de divulgar a história de vários destes xamãs que tinham suas casas em Belém e/ou interior da província.

É evidente que este fato mostra com clareza que os jornais, em sua totalidade, estavam longe de espelhar apenas os discursos e pensamentos das elites. Longe de representar os conceitos da oficialidade, os pajés trilharam, através de sua publicação, um percurso muito próprio. Para que tudo fosse um sucesso, no lançamento do folheto, os curandeiros puseram-se a afixar nos lugares públicos, imensos cartazes coloridos, anunciando a célebre tisana, tão apregoada pelos cujos. Sabemos disto porque um importante jornal da época, o *Diário de Notícias*, relatou no dia seguinte a grande proeza dos pajés. O caso é muito interessante por revelar, entre outras coisas, a multiplicidade de interpretações sobre o que seria “ciência” — um conceito que parecia circunscrito ao fechado e restrito universo acadêmico. Os pajés sabiam que seu ofício era polêmico e que, para defendê-lo, teriam que se munir com as armas do inimigo. Essa história também sugere que os jornais, que quase sempre funcionavam como arautos dos discursos médicos e jurídicos, acabavam noticiando fatos e circunstâncias que punham em xeque a infalibilidade da medicina e seus métodos farmacêuticos<sup>29</sup>.

<sup>28</sup> Cf. FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. “Anfiteatro da cura: pajelança e medicina na Amazônia no limiar do século XX”. In: CHALHOUN, Sidney et al. (orgs.). *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, pp.273-304.

<sup>29</sup> Cf. FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Quem eram os pajés científicos? trocas simbólicas e confrontos culturais na Amazônia, 1880-1930. In: FONTES, Edilza. (org.). *Contando a história do Pará: diálogos entre a história e a antropologia*. Belém: E. Motion, 2002, v. 3, p. 55-86.



Assim como os homeopatas e pajés, muitos outros grupos sociais extremamente criticados no passado utilizavam-se dos panfletos a fim de explicar-se socialmente. Esse tipo de postura ocorria muito nos jornais que divulgavam as atividades esportivas, por exemplo. Em 1896, apareceu em Belém *O Cyclista* e também o *Gymnasta*, ambos colocando-se como representantes “da classe” no Pará. Já na primeira década do século XX, estabeleceram-se alguns periódicos do gênero com o interesse de vulgarizar diversas modalidades esportivas. Em 1906, surgiram, com esse propósito, a *Gazeta Sportiva*, que teve seu número de lançamento publicado em 19 de agosto e, alguns meses depois, *O Sports*, ambos semanários. Na década seguinte, esse tipo de folha ganhou o interior do Estado. No Tocantins, apareceu em 1916, o *Cametá-Sport*, redigido por Carlos Victor Ferreira Lopes, Orlando de Moraes, Climério Machado de Mendonça e Joaquim Malcher, quatro amigos muito ligados ao *foot-ball* na cidade. No ano seguinte, no baixo-Amazonas, mais precisamente em Alenquer, apareceu *O Sport*, de propriedade de Ludgero Bentes Monteiro que também era o seu principal redator, conservando ao mesmo tempo o sentido literário e noticioso do jornal.

A “especialidade” do jornal também poderia ser vislumbrada na metáfora da divisa que vinha estampada na primeira página. A maioria das gazetas preferia citações clássicas, quase sempre retiradas de autores conhecidos da literatura universal, citados na língua original. Em Abaetetuba, o jornal *O Progresso*, criado em 1905, redigido por Arthunio Vieira e Dona Emília Vieira, trazia a máxima *Labor omnia vincit* [O trabalho vence tudo], do poeta latino Virgílio<sup>30</sup>. Na mesma cidade, *O Abaeté*, publicado no ano seguinte, sob o comando da tipografia de Barros & Cia, trazia o provérbio francês, de origem latina, *Vouloir c'est pouvoir* [Querer é poder], variando, nas edições subseqüentes, a língua e até a forma na qual a mesma divisa era expressa<sup>31</sup>: *Volenti nihil difficile*; *Volenti nil impossibile*; *A quem quer, nada é difícil*; *A willful man will have his way*; *Nothing is impossible to a weilling mind*; *À cocur vaillant rien d'impossible*; *Querer es poder*; *Quien quiso, hizo*; *Volere è potere*; *Volendo si può fare ogni cosa*; *Kion oni volas, tion oni povas*, e assim por diante.

<sup>30</sup> *O Progresso*. Abaetetuba, 26 de fevereiro de 1905, p. 1.

<sup>31</sup> *O Abaeté*. Abaetetuba, 4 de novembro de 1906, p. 1.



Além de natureza ou característica mais evidente do periódico que, geralmente, já era estampada no seu próprio título, os jornais de cunho mais noticioso tiveram, durante todo o século XIX, um papel importantíssimo na defesa da legalidade e da ordem civil, denunciando desde os escândalos na administração pública até atrocidades corriqueiras que existiam no domínio privado das famílias, em situações que envolviam tanto ricos como pobres, escravos ou homens livres, fosse na capital ou no interior da província. No dia 18 de dezembro de 1873, o jornal *A Regeneração*, editado por Samuel Wallace Mac-Dowell, louvava a atitude de um subdelegado de polícia da capital, diante de um crime que estava predestinado a ocorrer:

*Scena de escravidão.*

*Ontem foi à presença do Sr. Major Delegado de Polícia, a mulata Maria, de 18 anos de idade, escrava da parda Mathilde Maria da Conceição, trazendo uma manilha de ferro ao pé direito e corrente presa à cintura, a qual estava destinada a sofrer neste dia um castigo de sua senhora.*

*O Sr. delegado, tendo notícia desse fato bárbaro foi a casa de Mathilde à rua dos Mártires, donde fez conduzir a escrava Maria para a Secretaria de Polícia, procedendo aos inquéritos respectivos. Destes verificou-se ter sido a vítima acorrentada por Eusébio de tal, que convive sob o mesmo teto com Mathilde...<sup>32</sup>*

Sobre o ocorrido com a escrava Maria, o redator do jornal exaltava o trabalho da polícia por ter prevenido “um castigo, que a julgar pelos preparativos, seria excessivo e desumano”. Alguns limites da escravidão estão evidenciados aqui pela sucinta análise da gazeta de Mac-Dowell. Se por um lado, a senhora tinha plenos direitos de mando sobre sua escrava, por outro, a lei impunha limites ao exercício deste direito, muitos dos quais não eram exatamente prescritos por lei escrita, mas pela tradição e pelo costume. Não é exagero afirmar que o jornal é uma das principais fontes para o conhecimento do universo da escravidão e da liberdade no Brasil do século XIX. No Pará, as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas por José Maia Bezerra Neto sobre as

<sup>32</sup> *A Regeneração*. Belém, 18 de dezembro de 1873, p. 2.



fugas de escravos e as rotas de liberdade criadas pelos fugitivos têm surpreendido o próprio autor da investigação, dada complexidade e a sofisticação com que os cativos procuravam criar um novo mundo longe do látego do feitor e das ordens de seu antigo dono<sup>33</sup>. Mas se as mazelas da escravidão cobriam de horror algumas notícias da época, as histórias das lutas pela liberdade ganharam força na imprensa a partir da década de 1860 nos periódicos paraenses, em meio às notícias da Guerra do Paraguai<sup>34</sup> e do empenho de algumas irmandades e confrarias de negros em reconduzir à África escravos libertos do cativo no Brasil. Em 1869, o *Diário de Belém*, comentava em “Scenas africanas” as emocionantes histórias do embarque de libertos do Pará que daqui seguiam para a Bahia e de lá retornavam à terra de origem no outro lado do Atlântico<sup>35</sup>.

Tristeza, alegria, riso: o espaço do jornal aproximava os diferentes quadrantes da psicologia e da diversidade social do mundo em que se inseria. Podia ser um anúncio fúnebre ou uma piada galhofeira, o jornal é hoje fonte primeira para a compreensão do *ethos* citadino do passado, candente da leitura atenta do historiador, a fim de desvendar muito mais do que a simples notícia, mas todo o universo dos redatores, publicistas e editores. Quando em 1875, o *Liberal do Pará* estampava uma chamada para missa com “Libera-me” em sufrágio da alma de Manoel J. Mello Freire Barata pela passagem de um ano de seu passamento, registrando detalhando o nome da viúva, filhos, noras, genros e irmãos do finado, o que se vê supera a descrição do ritual que está nas entrelinhas da notícia, chamando atenção para a necessidade da expressão social da “dor” dos parentes que ficaram<sup>36</sup>. Num outro extremo, as gazetas exibiam muitas notícias que eram motivo de riso por parte dos leitores. O jornal *A República* mantinha, na década de 1890, uma coluna na qual divulgava estranhos fenômenos ocorridos no estrangeiro e pelo resto do país agora, transcritos de outras gazetas. Eram histórias inacreditáveis, como uma

<sup>33</sup> Cf. BEZERRA NETO, José Maia. A vida não é só trabalho: fugas escravas na época do abolicionismo na província do Grão-Pará. *Cadernos do CFCH*. Belém 12(1-2): 141-153, 1993; *Idem*. Ousados e insubordinados: protesto e fugas de escravos na Província do Grão-Pará (1840-1860). *Topoi: Revista de História*. Rio de Janeiro (2): 73-112, 2001.

<sup>34</sup> BEZERRA NETO, José Maia. Nos bastidores da Guerra: fugas escravas e fugitivos na época da Guerra do Paraguai. *História e Perspectiva*. Uberlândia (20-21): 85-103, 1999.

<sup>35</sup> Scenas africanas. *Diário de Belém*. Belém, 16 de janeiro de 1869, p. 2. Vê-se sobre o contexto brasileiro o excelente livro de CUNHA, Manuela Carneiro da. *Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<sup>36</sup> O *Liberal do Pará*. Belém, 15 de março de 1875, p. 3.



teria ocorrido em Petrópolis, e divulgada em 20 de março de 1895. Por que lá, numa família comum da cidade, entre os filhos do casal, havia uma criança de nove anos, do sexo masculino, mas com uma proeminente feição de cachorro. Mais adiante, o jornal reiterava: "...e o que é mais de se admirar é que esta criança por mais semelhança que tenha da raça canina, tenha da mesma todos os instintos, até o de ladrar". E continua: "Há dias, sendo instigada por uma irmanzinha de 5 anos de idade, avançou-a e mordeu-a no braço, sendo quase inúteis os esforços empregados pelos pais da dita criança para que esta soltasse"<sup>37</sup>.

Se esta história mirabolante parece maluquice de um jornal sensacionalista, os jornais do passado, em seu variado noticiário, traziam notícias que, para o historiador de hoje, ajudam a compor como que um grande quebra-cabeça do cotidiano do passado. O movimento do porto, horário de partida e chegada do trem da Estrada de Ferro de Bragança, os produtos consumidos por largas e diferentes parcelas da população urbana. E o mais importante: o jornal também informa quando tudo não funcionava a contento ou quando havia um acidente que modificava o pretenso rumo natural das coisas. Franciane Gama Lacerda, que há anos vem se ocupando com as histórias que cercavam o dia-a-dia dos caminhos de ferro que percorriam a Zona Bragantina, tem se apoiado nas notícias desses velhos jornais, num diálogo com a memória dos antigos moradores de Castanhal<sup>38</sup>. O noticiário da imprensa funciona assim como um verdadeiro eco da memória, mesmo que contraditório, pois deve ficar claro que notas jornalísticas de outrora não estão lá, inertes, para confirmar *flashes* do passado, guardados pelos passageiros da velha Maria Fumaça. Cada uma dessas fontes históricas possuiu uma lógica própria de narrar ou "reconstituir" o passado, como história ou memória.

Por fim, este breve ensaio quer insistir na importância e no cuidado que a sociedade, de uma maneira geral, deve ter com a sua memória. No correr dos cem anos entre a independência em 1822 e as comemorações do centenário da efeméride em 1922, muitas histórias de sucessos e fracassos vieram à baila pelas páginas dos jornais. Se não houvesse existido nenhum interessado em guardar esses papéis velhos, jamais saberíamos das várias histórias contadas em resumo aqui. Se para alguns, isso tudo pode parecer curiosidade de um tempo remoto, deve-se propor a este

<sup>37</sup> *A República*. Belém, 20 de março de 1895, p. 1.

<sup>38</sup> LACERDA, Franciane Gama. *Em busca dos campos perdidos: uma história de trem e cidade*. Dissertação de mestrado em história social. São Paulo: PUC, 1997.



analista certa calma na sua apressada observação. Revendo essas notícias, pode-se chegar mais perto de alguns dos significados atribuídos pelos antepassados para a sociedade e o mundo que eles próprios ajudaram a construir. E como ninguém foi forjado do nada, resta aqui a necessidade premente de nos compreender-se, já que existem muitos e infindáveis laços que ligam o presente ao passado. Retomar as páginas de um jornal antigo pode funcionar também como folhear um álbum de família que, embora aparentemente decrépito, está mais vivo do que nunca.

### Jornais citados

- Gazeta do Pará*. Belém, 1821  
*O Paraense*. Belém, 1822  
*Sentinella Maranhense na Guarita do Pará*. Belém, 1834.  
*A Inquirição*. Belém, 1870.  
*O Santo Officio* Belém, 1870.  
*A Boa Nova*. Belém 1871.  
*O Pelicano*. Belém, 1872.  
*A Regeneração*. Belém, 1873.  
*Hahnemann*. Belém, 1880.  
*A Boa Nova*. Belém, 1881.  
*Zé Pereira*. Belém, 1882.  
*Gazeta de Alenquer*. Alenquer, 1883.  
*A Jangada*. Belém, 1884.  
*A Voz do Jangadeiro*. Belém, 1884.  
*Victor Hugo*. Belém, 1885.  
*A Colonia Portuguesa*. Belém, 1885.  
*Diário de Notícias*. Belém, 1887.  
*A Imprensa e a Liberdade*. Cametá, 1888.  
*A Liga da Imprensa Paraense*. Belém, 1888.  
*O Bilontra* Belém, 1889.  
*O Caixeiro*. Belém, 1889.  
*La voz de España*. Belém, 1891.  
*Christovão Colombo*. Belém, 1892.  
*A Tourada*. Belém, 1894.  
*Poes de Carvalho* Belém, 1894.  
*O Liberal do Pará*. Belém, 1875.  
*A República*. Belém, 1895.  
*O Cyclista*. Belém, 1896.



Gymnasta. Belém, 1896.  
O Cearense. Belém, 1898.  
Annunciador Commercial. Belém, 1898.  
L'Eco del Pará. Belém, 1898.  
O 17 de Dezembro. Belém, 1898.  
A Antonio Lemos. Belém, 1898.  
Commercio Paraense. Belém 1899.  
O Empregado no Commercio. Belém 1899.  
El Noticiero Español. Belém 1899.  
Senador Lemos. Belém 1901.  
O Bohemio. Belém 1901.  
O Badalo. Belém, 1901.  
O Progresso. Abaetetuba, 1905.  
O Abaeté. Abaetetuba, 1906.  
Gazeta Sportiva. Belém, 1906  
O Sports. Belém, 1906.  
O Luzitano. Belém, 1906.  
O Socialista. Belém 1906.  
El Dos de Mayo. Belém, 1908.  
O Cearense Belém, 1910.  
O Cearense. Belém, 1914.  
Kodak. Belém, 1915.  
Gazeta Lusitana Belém, 1916.  
Cametá-Sport. Cametá, 1916.  
Portugal. Belém, 1917.  
O Sport. Alenquer, 1917.  
Jornal Luzitano. Belém, 1920.  
O Correio Infantil. Belém, 1901.

## BIBLIOGRAFIA

264

BARATA, Manuel. Estado do Pará: Jornacs, revistas e outras publicações periódicas de 1822 a 1908. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro 1(2): 91-159, 1908.

BELLIDO, Remijio de. *Catalogo dos Jornaes Paraenses, 1822-1908*. Belém: Imprensa Official, 1908.



BEZERRA NETO, José Maia. A vida não é só trabalho: fugas escravas na época do abolicionismo na província do Grão-Pará. *Cadernos do CFCH*. Belém 12(1-2): 141-153, 1993.

BEZERRA NETO, José Maia. Ousados e insubordinados: protesto e fugas de escravos na Província do Grão-Pará (1840-1860). *Topoi: Revista de História*. Rio de Janeiro (2): 73-112, 2001.

BEZERRA NETO, José Maia. Nos bastidores da guerra: fugas escravas e fugitivos na época da Guerra do Paraguai. *História e perspectiva*. Uberlândia (20-21): 85-103, 1999.

BRYANT, David. *Short fiction and the press in France, 1829-1841: followed by a selection of short fiction from the periodical and daily press*. Lewiston, N. Y.: Edwin Mellen Press, 1995.

CHAMBOULEYRON, Rafael. Las 'edades' de los jesuitas: la Compañía de Jesus y la historiografía amazónica. *Actas del Congreso Internacional "Jesuitas: 400 años en Córdoba"*. Córdoba (Argentina): JPHC/UNC/UCC, 1999, vol. III, pp. 95-113.

COELHO, Geraldo Mártires *Anarquistas, demagogos & dissidentes: a imprensa liberal no Pará de 1822*. Belém: Ccjup, 1993.

CUNHA, Manuella Carneiro da. *Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Anfiteatro da cura: pajelança e medicina na Amazônia no limiar do século XX. In: CHALHOUB, Sidney et al. (orgs.). *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p.273-304.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Teias da memória: a Companhia de Jesus e a historiografia da Amazônia no século XIX. *Vária História*. Belo Horizonte (23): 77-96, 2001.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Quem eram os pajés científicos? trocas simbólicas e confrontos culturais na Amazônia, 1880-1930. In: FONTES, Edilza. (org.), *Contando a história do Pará: diálogos entre a história e a antropologia*. Belém: E. Motion, 2002, v. 3, p. 55-86.



FULLER, Cláudia Maria. *Os corpos de trabalhadores: política de controle social no Grão-Pará*. Belém: Laboratório de História-UFPA, 1999 (Fascículos LH, 1).

LACERDA, Franciane Gama. *Em busca dos campos perdidos: uma história de trem e cidade*. Dissertação de mestrado em história social. São Paulo: PUC, 1997.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. A categoria "jesuíta" no embate entre liberais e católicos no Pará do século XIX. *Páginas de História*. Belém 1(1): 1-13, 1997.

MEYER, Marlysc. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RICCI, Magda. Do patriotismo à revolução: história da Cabanagem na Amazônia. In: FONTES, Edilza. (Org.). *Contando a história do Pará: da conquista à sociedade da borracha (séculos XVI-XIX)*. Belém: E. Motion, 2002, v. 2, p. 225-266.

RICCI, Magda. Do sentido aos significados da Cabanagem: percursos historiográficos. *Anais do Arquivo Público do Pará*. Belém 3(2): 241-271, 2001.

RICCI, Magda. História amotinada: memórias da Cabanagem. *Cadernos do CFCH*. V. 12, n.1-2. Belém, 1993, p.13-28.

SALLES, Vicente. *Marxismo, socialismo e os militantes excluídos: capítulos da história do Pará*. Belém: Paka-Tatu, 2001.

SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do velho intendente: Antônio Lemos, 1869-1973*. Belém: Paka-Tatu, 2004.

SOUZA, J. B. de Farias e; SOUZA, A. Monteiro & BAHIA, Alcides. *A imprensa no Amazonas, 1851-1908*. Manaus: Typographia da Imprensa Oficial, 1908.

TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetim no Brasil, 1830 à atualidade*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1994.